

Queremos a cidade de volta!

Crónica sobre o futuro dos jardins do Porto

Publicado no Público de 15/4/2002 com o título “O futuro dos jardins do Porto”

Assistir ao crescimento de uma árvore, desde o alongamento dos ramos ao alargamento do tronco, é um privilégio. Não que se trate de um fenómeno raro, mas porque a lenta passagem do tempo lhe dá mais cor e vida. Uma árvore centenária encerra em si a vivência de uma enorme variedade de acontecimentos: assistiu tranquilamente ao desenrolar da história, ao suceder das estações e ao nascimento e morte de muitos outros seres vivos. Cada ano que passa significa um novo anel de crescimento, uma copa maior, um tronco mais espesso e, em princípio, mais vitalidade e capacidade de sobreviver. Daí que nunca me canse de admirar este ser vivo.

Mesmo quando a derradeira fase do ciclo natural obriga a árvore a ceder o lugar a outras - volvidos que tenham sido cinquenta, cem ou mesmo mil anos -, ainda assim ela revela uma beleza especial. As árvores não morrem de pé por acaso - mesmo nesta condição, abrigam uma rica diversidade de vida e desempenham uma função ecológica de enorme importância que, contudo, representa apenas um dos seus papéis. As árvores transmitem ainda um conjunto de valores intangíveis e dificilmente exprimíveis de elevado carácter simbólico e introspectivo. Mas por isso mesmo não pode haver explicação para a atitude de menosprezo que caracteriza a relação entre Homem e árvore na cidade.

Abater uma destas plantas é tremenda e assustadoramente fácil. Acabar com uma vida que pode ter durado séculos pode demorar uns míseros minutos. Depois, resta apenas o vazio que parece inundar todo o espaço, um vazio que se propaga e que enche de revolta muita gente. Resta ainda a memória, que nos leva a questionar sobre o futuro dos jardins que restam na cidade.

E que futuro será esse? Os sinais são tudo menos positivos: os jardins do Porto estão a saque!

Na Cordoaria, um arquitecto respeitável, encomendado pela Porto 2001, decidiu pôr termo à história que, até hoje, vinha decorrendo naquele espaço - com altos e baixos, é certo, mas sem rupturas, sem ferir a sua integridade. Há meses, o fio condutor foi abruptamente cortado aquando da inauguração do “novo” jardim. Um “novo” com sabor a degradação, a depressão, a ignorância, a fraude e a desprezo pela cidade e pelos seus cidadãos. Pois hoje o jardim da Cordoaria não é nada: não é moderno nem histórico; é apenas um espaço incaracterístico, artificial, mineralizado, uma sombra do passado. Estranha é esta concepção de requalificação, que em vez de se dedicar a um espaço degradado e de lhe dar dignidade, consegue a proeza inversa, a custos escandalosamente exorbitantes.

Já em pleno património mundial da Humanidade, os iluminados donos da cidade, que se arrogam o direito de decidir pelo espaço que é usufruído por todos, decidiram arrasar com a Praça do Infante para criar alguns lugares de estacionamento. De uma assentada desapareceram os castanheiros-da-Índia (que bonitas flores eles davam!), as palmeiras, ciprestes e muitos

arbustos. Em substituição, a cidade ganhou um tapete de relva que não convém pisar e muros que limitam a liberdade de movimentos. A estátua ficou no lugar, mas a mística do espaço, essa, desapareceu por completo. E assim se transformou um local produtivo, com vida, numa terreno árido e monótono.

Como hoje não há praça digna desse nome que não esteja assente numa placa de betão, há então que prosseguir com a cruzada. O alvo foi, desta feita, o Jardim do Marquês, um dos mais frequentados do Porto, uma pequena praça com três dezenas de plátanos de porte majestoso. Mas o progresso ditou a sua sorte - e há que sacrificar as árvores à passagem do metro. As estradas envolventes - que, ironicamente, o metro pretende descongestionar - estão salvaguardadas. Não há aqui qualquer engano, a prioridade é precisamente esta, mesmo que custe a acreditar: primeiro, os automóveis da nossa renovada frota; depois, as árvores centenárias. A escolha foi feita eficazmente por algum tecnocrata desdenhoso da quietude do jardim e dos seus utentes. Durante três noites de árduo e empenhado trabalho, técnicos qualificados - assim asseveraram os donos da cidade - procederam à mutilação, seguida de transplante, de três daqueles enormes plátanos. O zelo foi tal que a operação se desenrolou precisamente no início da Primavera, minimizando as hipóteses de sobrevivência das árvores - que, depois de terem visto a sua copa reduzida em 70% e as raízes em 98%, não poderiam alimentar grande esperança. Os plátanos viverão por alguns meses, enquanto a seiva que ainda circula nos seus tecidos não se esgotar. O jardim, ou o que resta dele, está condenado a prazo: o metro cortará ainda a maior parte das raízes de muitas outras árvores. As que não forem afectadas desta forma, terão ainda assim de conviver com o peso de camiões e máquinas a compactar o solo em seu redor durante dois anos (sem contar com os atrasos, que são um dado adquirido). Para recordar ficarão várias acções de protesto, uma sessão pública de esclarecimento que de outra forma não se teria realizado, a obstinação da Metro do Porto e a subordinação da Câmara aos desejos da empresa.

O novo executivo optou por se demitir do seu papel regulador, defraudando os portuenses, ou boa parte deles, relativamente à nova gestão da cidade que garantiram querer imprimir. Precisamos, de uma vez por todas, de um desenvolvimento direccionado para o interesse colectivo mas despojado de toda a verborreia e dos sofismas que já passaram, há muito tempo, dos limites do aceitável. É altura de falar claro, de discutir antes, de assumir a democracia na sua plenitude e de integrar os cidadãos nos processos de decisão. É preciso acabar terminantemente com a destruição de espaços que são valorizados pela população e orientar o investimento para as zonas degradadas, recuperando-as efectivamente. Senhores autarcas, cumpram a função que vos foi confiada!

Queremos a cidade de volta!

Nuno Quental
Eng. do Ambiente

31 de Março de 2002